



O DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIREDO

Redactores — A. FERREIRA ARBIOL — SAUL DE SOUSA

Redactor correspondente no Brasil — OCTACÍLIO M. DA COSTA

Redacção — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Administração — F. V. D'OLIVEIRA — Rua do 1.º de Maio, 54, 2.º — V. N. de Gaia

Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. — Vila Franca de Xira

MENSAGEM DA PÁScoa

Revmo. Bispo D. António F. Flandor

DEPOIS de termos comemorado com devota solenidade a paixão e morte de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, eu vos saúdo ao celebrarmos, cheios de alegria e fé, a Sua Gloriosa Ressurreição, pois, como diz o Apóstolo S. Paulo na sua primeira epístola aos Coríntios, capítulo XV, versículo 14: «Se Cristo não ressuscitou logo é vã a nossa pregação e também é vã a vossa fé».

Com a ressurreição de Jesus começa a obra transformadora que principia pelos Apóstolos e primeiros cristãos e rematará quando a uns disser: «*apartai-vos de Mim que não vos conheceis*»; e a outros: «*vinde, benditos de Meu Pai, possui o reino que vos está preparado desde o princípio do Mundo. Entrai no gozo do vosso Senhor*».

A Igreja cristã principia com um Redentor vivo. Um Senhor que não ficou no sepulcro, mas que vive eternamente no Céu e voltará para a colheita final, para o grande banquete de mancos, aleijados e pobres, porém vestidos com as vestiduras alvíssimas da Sua Graça e do Seu imenso Amor.

E se a grandeza da esperança de S. Paulo se baseava na Ressurreição de nosso Senhor Jesus, nós também, como seguidores dos ensinamentos do grande Apóstolo, é nessa gloriosa ressurreição que devemos firmar também, a nossa consoladora esperança com testemunho de fé.

Se a obra redentora que Jesus realizou no Mundo era perfeita e estava completa quando na cruz exclamou: «*Tudo está cumprido*»; com a ressurreição ergueram-se as paredes do grande Templo, onde Deus será sempre servido e adorado em Espírito e Verdade.

Se para o povo de Israel a Páscoa tinha e tem o recordativo significado de ter sido liberto da opressão no Egipto e do início do caminho para a Terra prometida, por isso, era uma ordem perpétua (Exodo, XII, 14); para o povo cristão a Ressurreição Gloriosa de Jesus que celebramos em Domingo de Páscoa, tem um significado maior e mais completo: A libertação do pecado e o início do caminho para a eterna Pátria Celestial.

A Igreja cristã assenta os seus alicerces num Cristo Vivo, Omnipotente, Omnisciente, Omnipresente e Eterno.

VIVO, porque sabemos e sentimos que Ele nos escuta quando clamamos e nos atende quando nos socorre.

OMNIPOTENTE, porque o inferno, dos seus negadores, perseguidores e inovadores, não tem prevalecido contra a Igreja.

EDITORIAL

A Igreja Lusitana, cuja acção em terras lusas este boletim deseja interpretar junto dos seus leitores, só poderá continuar na sua missão sacrossanta de evangelizar Portugal, se por parte dos seus membros encontrar a cooperação que urge. Só se juntarmos esforços num trabalho único e intensificarmos a sua expansão, a Igreja terá a consciência e a certeza de que está agindo.

Para assim prosseguirmos temos de manter o seu património, levantar os seus templos, empreender a sua literatura própria, os seus jornais, os seus boletins paroquiais, e sustentar os seus ministros.

Desde o princípio, desde que os homens sentiram a vontade e o dever de buscar o Senhor, têm-se compreendido as necessidades da manutenção do culto. Que agradável é ter um lugar em que nos encontremos juntos, rendendo graças a Deus por todas as Suas bênçãos. Que ventura podermos fazê-lo numa liturgia extraordinária de beleza, com bases na Igreja primitiva, unidos a todos os Irmãos do Mundo inteiro, e não deixando por isso de valorizá-la, com respeito ao nosso caso, em raízes puramente nacionais.

Mas os mesmos homens compreenderam que para tudo isto era necessário eles próprios contribuírem com o melhor das suas possibilidades materiais. E acharam desde então que o dizimo era bom. Tem-se mantido esta tradição em muitos que contribuem desta forma.

A Igreja não tem desejado indicar, como dever, tal quantitativo, e deixa isto à consciência dos seus membros, a quem presta todos os serviços religiosos gratuitamente.

E estaremos nós todos respondendo compreensivamente às necessidades prementes da Igreja e ao que ela tem feito por nós e pela evangelização de Portugal?

(Continua na página 9)

NOTAS E COMENTÁRIOS

Paulo Agostinho

Carta aos Bispos das comunhões Anglicana e Velho-Católica

Temos tido ocasião, várias vezes, de afirmar que a Igreja Lusitana tem uma origem distinta entre as Igrejas Reformadas. Nunca foi uma Igreja missionada. E nisto só tem o mérito de ter surgido dum movimento próprio dentro do País. Saiu dum clima que se fez sentir em Portugal no último quartel do século passado, após a reacção liberal ao Syllabus do Papa Pio IX, e ao dogma da Imaculada Conceição da Virgem. Nesta reacção se distinguiram diversos homens públicos e vários escritores de nomeada.

É certo que a concretização do pensamento duma Igreja Nacional, evocada então pela facção liberal, e que se electivou na restauração da Igreja Lusitana, não teve uma repercussão geral, como poderia hoje ter-se imaginado, tal esta Igreja se apresentava como satisfazendo os princípios de independência eclesíastica, perante Roma, como então se defendia.

E por quê? As grandes individualidades da vida nacional, que mais a tinham inspirado, estavam nessa altura já afastadas da vida pública e algumas já na presença de Deus. Igualmente admitimos que a grande, mas fraternal ajuda, que tivemos por parte de algumas personalidades de destaque da Igreja Anglicana, como o Cônego Pope, o Bispo Plunket, o Bispo Rilley e outros, pudessem ter criado uma desconfiança de que estávamos sofrendo influências estrangeiras.

Tal não era verdade! A desconfiança, se a houve, era injusta. O facto de, no nosso movimento, em que se evidenciaram alguns padres egressos de Roma, e em que se manifestou o mais seguro espírito de independência, se ter aproveitado alguns ensinamentos duma igreja já secular na sua Reforma, não pode, de modo algum, em franca e fria objectividade, invalidar o propósito e a acção dos nossos reformadores. E a intenção desta reforma foi integrar a Igreja nos princípios puros da Igreja Apostólica e da Igreja Católica dos primeiros séculos. No nosso caso, na Igreja da antiga Lusitania.

Os anos passaram. A nossa Igreja, apesar da incompreensão dos vários sectores religiosos, (e não só da oposição da Igreja dominante no nosso país) e dificuldades materiais de toda a ordem (uma parte dos nossos ministros tem vivido apenas do seu trabalho secular), tem caminhado através dos tempos, sem diminuir o seu esforço, e firme na sua fé Católica. Desamparados, nunca, graças a Deus. Mas muitas vezes incompreendidos pelos de dentro e pelos de fora.

Porém, o resultado da nossa firmeza revela-se: A Igreja Episcopal Americana, que faz parte da Comunhão Anglicana, reconheceu-nos ultimamente como Igreja Nacional Católica Reformada, e connosco estabeleceu intercomunhão. As Igrejas Velho-Católicas da Europa mostraram simpatia para connosco, convidando-nos a assistir aos seus concílios. E não falando

já da Amiga Igreja Irlandesa, a Igreja Anglicana tem sempre recebido, com carinho os nossos representantes e tido para connosco afeição fraterna.

Mas era necessário ir mais longe. Nem todos os bispos nos conheciam, nem estavam de igual forma esclarecidos sobre a nossa posição. O Sínodo da nossa Igreja, resolveu, na sua reunião do dia de Todos-os-Santos do ano passado, escrever uma carta aos bispos da Comunhão Anglicana e aos bispos das Igrejas Velho-Católicas da Europa, expondo as razões de ser da nossa Igreja. Esta carta é em parte publicada noutra lugar deste número do Despertar.

Homens cristãos de negócios,

Em vários países estão os homens de negócios, que são crentes, decididos a fazer alguma coisa em benefício da obra de evangelização. Em Portugal esta organização começou há pouco tempo a trabalhar numa base interdenominacional, procurando a cooperação de todos.

Em reuniões, que se estão familiarizando, são convidados para jantar, num dos mais conceituados restaurantes de Lisboa, juntamente com alguns obreiros evangélicos, diversas pessoas do nosso meio social, que de outro modo não teriam ocasião de tomar contacto com a mensagem cristã. Um orador, especialmente convidado, apresenta o assunto da noite e todos podem dar testemunho da sua fé e da sua experiência.

Aqui em Lisboa, e não sabemos se assim é em outros lugares, a forma que se escolheu é a de reavivamento espiritual, procurando acordar, subitamente, no coração do indivíduo, sacudindo-o, a consciência da sua situação pecaminosa e levá-lo a reconciliar-se com Deus.

Um dos últimos oradores que tivemos o prazer de ouvir foi o Rev. Samuel Doctariane, ministro duma Igreja da Arménia, e que dotado duma facilidade enorme em se exprimir, toca os assuntos do novo nascimento com um misticismo, mixto de sinceridade extrema, objectividade e simplicidade. E este misticismo não se apresenta num sentido de ordem puramente sentimental. E' por vezes cheios de humor que anima a sua exposição e a torna leve e acessível a todos.

Das suas muitas histórias, que conta sucessivamente, lembramo-nos duma que dá uma ideia da forma da sua mensagem.

Numa escola judia, uma criança pergunta ao rabino: «É certo que o Jesus, o Messias cristão, não é o nosso?» — Decerto que não, menino, responde o rabino. Passado algum tempo, o mesmo menino pergunta novamente: «Então o nosso Messias ainda está para vir?» — Decerto que sim, menino, responde novamente o rabino, já impaciente com a impertinência do seu pequeno aluno. Mas o rapaz não desiste. E passado mais alguns tempo, levanta a mão para nova pergunta: «Quando o

nosso Messias vier, ele fará mais do que o outro?» O rabino desta vez mandou calar, simplesmente, o insatisfeito aluno e não achou resposta para lhe dar.

Espera-se, dentro de alguns meses a vinda do Rev. Doctariane para uma campanha de evangelização em Portugal.

Contribuição dos Membros

Foi iniciado este ano pela Junta Paroquial da Catedral de S. Paulo um novo processo de contribuição. Dum modo geral, os compromissos dos membros para a manutenção do culto, sustento dos seus pastores e auxílio às famílias destes por doença, morte ou invalidez (é dever sagrado o encargo do Sínodo neste sentido) são reduzidos. Esta é a razão das grandes dificuldades financeiras que a Igreja atravessa e o ser restrito o campo da sua acção.

Sem dúvida, é sabido que uma das principais causas desta falta em contribuir eficazmente, está na debilidade económica da maior parte dos seus membros. Mas todos estão cientes que a razão não é apenas esta. Há outras razões que pesam também. Primeira, o estar o português pouco habituado a cooperar financeiramente na obra da Igreja. Educado religiosamente a dar tudo por troca, não cresceu nele ainda o sentimento de dar por livre-vontade, espontaneamente, sem ninguém lhe pedir. Segunda, é o ter medo de se comprometer com quotas periódicas e massadoras ao fim e ao cabo, e que possa depois ver que lhe é difícil cumprir.

Ora este novo processo, novo para nós, mas usado há muito tempo em Igrejas de outros países, consiste tão somente em coleccionar num envelope, destinado a cada mês, as quantias que o crente poderá pôr de parte no dia a dia, para o trabalho de Deus, e deitá-lo, depois, numa das colectas desse mesmo mês, ou enviá-lo à Junta Paroquial.

Não existe, portanto, um compromisso formal do quantitativo com que se deseja contribuir, mas no coração de cada um o propósito de fazer o possível de ajudar a Igreja com o máximo das suas possibilidades. E aquilo que se deseja oferecer a Deus no seu Altar, onde ajoelhamos, é sempre função das disponibilidades de cada mês.

Esperemos que estas experiências dêem resultado e nos animem a confiar nos membros da Igreja Lusitana e na sua vontade de cooperar e ajudar a Igreja a cumprir os seus compromissos já tão pesados, e a expandir-se como é desejo de todos.

Sagração do Novo Bispo

Aceleram-se os preparativos para a cerimónia da Sagração do Novo Bispo da Igreja Lusitana, na Catedral de S. Paulo em Lisboa, no próximo mês de Junho.

Mais do que uma mera cerimónia, evidencia-se na sagração um significado que é caro para nós e não podemos deixar de sentir intensamente — a continuidade da Igreja Lusitana, no conceito geral da Igreja Católica e Apostólica, presente em todos os tempos e em todos os lugares, no mundo espiritual.

Oremos para que a Igreja Lusitana, cumpra no nosso país o mandato de Cristo: «Ide pregai o Evangelho a toda a criatura».

ensaios

no PRINCÍPIO ERA O VERBO

J. S. C.

Pequena mas bela expressão, pórtico do mais divino livro das Escrituras, é das maiores revelações do grande Evangelista sobre a personalidade humano-divina de Cristo, o protagonista do seu Evangelho, nas qualidades bem definidas de Senhor e Mestre: Senhor como *Verbo*, Mestre como *Homem*.

Para analisarmos esta frase tão simples, mas que encerra um mundo de significado e cuja inspiração força a craveira da frase que Moisés esculpiu no começo do seu primeiro livro, tornar-se-nos-á necessário encontrar os três conceitos a que correspondem os três termos.

«Princípio» é a qualidade adjectiva de Cristo, «Verbo» a sua qualidade substantiva. Porque Cristo é *Princípio* como *Homem* e é *Verbo* como Deus. Como *Princípio* Ele é o Senhor do Espaço; como *Verbo* o Senhor do Tempo. Porque o *Verbo* tem como atributo natural ser eterno, tornando-se *Princípio* ao integrar-se no Tempo, pois só o Tempo tem *Princípio*. E nisso se opõe à Eternidade.

No último livro das Escrituras encontramos a expressão de Jesus, revelada ao mesmo escritor sagrado, «Eu sou o *Princípio* e o Fim», que tem certo paralelo com a de Hebreus 12, «Jesus, *Autor* e Consumador da Fé». A antinomia dos termos e o paralelismo das frases levam-nos a identificar conceptualmente o «Princípio» da primeira com o «Autor» da segunda. Também não nos será difícil de concluir que o *Princípio* expresso por S. João é sincrónico do de Moisés, referindo-se ambos a um determinado momento em que Deus fez surgir o *Tempo* como um rebento da Eternidade. Até a similitude de construção das duas frases é flagrante: «No princípio criou Deus...»; «No princípio era o *Verbo*».

Portanto, o *Princípio* moisaico-joanino coexiste com a *Criação*;

são funções um do outro. Sem *Princípio* não há *Criação* e sem esta não pode haver *Princípio*. O próprio contexto evangélico dará razão ao conceito de *Princípio* que temos esboçado, ao acrescentar que «Ele estava no *Princípio* com Deus. Todas as coisas foram feitas por *Ele*, e sem *Ele* nada do que foi feito se fez». Aqui temos, portanto, o *Princípio* identificado com a *Criação* e o *Criador* (Autor) com o *Verbo*.

Devemos porém acrescentar que se estes conceitos no efeito se unem, na causa distinguem-se, porque se o «princípio» joanino é escatológico, o moisaico é cosmogónico. No encaço deste «princípio» cosmogónico correram Homero, com a sua teoria do *Oceano*, Hesíodo, com o indefinido *Caos*, os órficos, com a *Noite* transcendente, Ferecides de Siros com *Zás*, Anaxágoras com o eterno *Nous*, a inteligência ordenadora, e Anaximandro com o famoso *Apeiron*, o Ilimitado, que ele identifica com o «princípio» (arché).

E foi sem dúvida inspirado na revolucionária teoria de Anaximandro que o grande Aristóteles escreveu: «Toda a coisa é em si um princípio ou tem um princípio. Só o Ilimitado (ápeiron) não tem princípio; pois de outra forma teria um limite».

Por estes breves e desordenados apontamentos já podemos fazer uma pequena ideia do que este delicado problema do «princípio» ocupou os sábios gregos desde o século nono antes de Cristo.

Ocupemo-nos agora do conceito de «Verbo».

Verbo, a *Palavra* por excelência, é a limitada tentativa de tradução latina do termo grego *Logos*, que já na Filosofia helénica, já no novo conceito que o escritor do Quarto Evangelho lhe atribuiu, transcende incomensuravelmente todos os termos que nas outras línguas o procuraram depois re-

presentar. *Verbum* foi o melhor termo que S. Jerónimo no século quarto encontrou em latim para exprimir o *Logos* grego. Mas o *Verbum* latino dizia mais do que o nosso *Verbo*, e nenhuma língua actual conseguiu encontrar melhor tradução para o *Logos*.

Verbum (plural *verba*), significa, de facto, *palavra*, no original latino, e será *verbo* na medida em que este semantema significa «palavra» na sua acepção mais sublime. Não o será, por exemplo, na célebre locução aforística, *verba volant, scripta manant* (as palavras voam, os escritos permanecem), pois aqui *verba* é meramente «o que se diz»; *Logos* significa «o que se é». *Logos* é simultaneamente a *Palavra* que «fala» e o *Verbo* que «actua»; falar e actuar são dois verbos comuns a Deus e ao homem. Por isso Cristo era o *Logos*.

S. João deixou-nos este termo *Logos*, sem mais explicação, porque escreveu o seu original em grego, língua em que o termo tinha propriedade peculiar, tendo-o favorecido com um conceito mais elevado os filósofos da Grécia Clássica. Contudo, o Discípulo Amado ainda lhe conferiu um significado mais espiritual, mais transcendente, ao atribuí-lo a Cristo. Aparte do significado especial que o Evangelista deu ao *Logos*, por o usar como termo representativo da união hipostática da Segunda Pessoa da Trindade, os gregos usavam este substantivo com o valor que nos sugere hoje o adjectivo *lógico*, que dele deriva, isto é, «discurso», ou ideia que o discurso transmite ou concebe. O próprio termo *dis—curso* já supõe um «movimento» espiritual.

Desde Homero, em meados do século 9.º antes de Cristo, foi o termo *Logos* usado entre os gregos com diferentes significados, que se processam sematologicamente desde o mero «conjunto», sugerido pela sua raiz *lego*, até ao conceito mais dominante no pensamento grego — «razão». Assim o usaram Plutarco, Heródoto, Eurípedes e Aristóteles, para só mencionar alguns maiores. Platão vai mais longe. Por inspiração de seu mestre Sócrates, o criador da lógica, edifica um sistema de investigação pela busca do *Logos*, através do sensível e do inteligível, os dois fulcros do seu dualismo. Heráclito de E'feso, um dos primeiros prosadores gregos, que teve

(Continua na página 8)

DUVIDAR PARA CRER

Rev. Saul de Sousa

Após os primeiros eventos daquele maravilhoso dia da Ressurreição, apesar das boas notícias que alguns haviam trazido, dez dos discípulos de Cristo encontravam-se reunidos, de portas trancadas, com medo dos judeus. Que teria ocasionado aquele encontro? Talvez, o desejo que alguns tinham de contar aos outros em que circunstâncias Cristo lhes tinha aparecido; outros, para exteriorizarem as suas dúvidas e receios acerca daquelas mesmas aparições que, segundo eles, seriam causadas por alucinação dos seus cérebros cansados e enfraquecidos pelos acontecimentos daqueles últimos dias; ainda outros, para lamentarem a morte do seu Mestre e as desilusões que esta lhes trouxe; e todos, finalmente, porque sentiam a necessidade de mútuo amparo, para poderem enfrentar a situação presente e o que o futuro lhes traria.

Eis senão quando, em determinada altura, o mesmo Jesus, objecto das suas conversas e considerações, aparece-lhes; redivivo. Uns crêem; outros ficam atemorizados, julgando que se trata de algum espírito. Jesus tranquiliza-os, dissipa todas as dúvidas dos seus corações, e lança-lhes em rosto o não haverem dado crédito àqueles que diziam tê-Lo visto ressuscitado. Então, depois disto — conta-nos o Evangelho — «alegraram-se vendo o Senhor».

No dia em que isto aconteceu, Tomé não tinha ido à reunião. E, quando, na primeira altura, os seus companheiros lhe contaram o que se passara, ele recusou-se, terminantemente, a aceitar como verídico aquele testemunho. Para ele a história da aparição de Jesus era inverosímil, insustentável. Carecia de provas, para poder tornar-se crível. Se estas lhe fossem apresentadas, acreditaria, só assim (João 20, 25).

Esta atitude de Tomé tem sido muito falada até se tornar proverbial: «Ver e crer como S. Tomé».

O que porém, talvez, a muitos tem passado despercebido é o valor positivo, construtivo, portanto, da dúvida de S. Tomé. A dúvida dele não pode ser classificada como uma caturrice, como alguém que nega ou discorda por simples prazer de estar em oposição a outrem. Não. Ele está pronto a aceitar a explicação que lhe dão, mas exige provas. A este género de dúvida chamaria Kant, mais tarde,

(Continua na página 9)

CARTA DO IGREJA LUSITANA CATÓLICA ILUSTRÍSSIMOS E REVERENDÍSSIMOS DA COMUNHÃO ANGLICANA E D

A RAZÃO DESTA CARTA E O SEU CONTEÚDO

É motivo de nos dirigirmos a Vossas Paternidades o facto jubiloso de ter este Sinodo recebido mensagem da Igreja Protestante Episcopal nos Estados Unidos da América, pela qual se nos anuncia haver aquela Igreja Anglicana reconhecido a Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica como parte da Santa Igreja Católica, em consequência do que se mostra pronta e desejosa de entrar conosco numa concordata formulada nos termos do Acordo de Bona de 1931.

Desde a Constituição da Igreja Lusitana, no século passado, este é o primeiro sinal da vontade de estabelecer bases formais de comunhão plena entre qualquer parte da verdadeira Igreja Católica e a Igreja Lusitana. Portanto, trata-se de um significativo e histórico acontecimento.

Este facto serve-nos de pretexto para fornecermos alguns esclarecimentos, julgados urgentes e necessários. Temos lido e ouvido afirmações acerca da Igreja Lusitana que só podem explicar-se por falta de suficiente informação. Desejamos, tanto quanto possível, evitar tais erros de apreciação.

A ORIGEM HISTÓRICA DA IGREJA LUSITANA

No século XIX, quando o Papa quis formalizar as suas pretensões de jurisdição universal e de infalibilidade; quando o despotismo espiritual da hierarquia ultramontana se tornava cada vez mais insuportável para aqueles cuja mentalidade se alimentava das ideias do liberalismo; quando os excessos do marianismo popular começavam a ganhar direitos de

O Sinodo da Igreja Lusitana, no decidiu, para esclarecimento das manas) expor em carta aberta a alguns pontos de doutrina e organ mais importante dos diferentes co

doutrina oficial na Cristandade de obediência Romana; quando todo o complexo ideológico, político e eclesiástico, que gerou o movimento velho-católico da Europa, se fez sentir em Portugal, surgiu a Igreja Lusitana.

Esta Igreja não nasceu **ex-abrupto**, antes é o resultado do clima nacional em que, ao lado de vultuosas figuras, como o grande historiador e pensador Alexandre Herculano, correspondente de von Döllinger, e como o Bispo Alves Martins, floresceram menores, e todavia mais coerentes personalidades que, descontentes do papismo mariano, formaram pequenas e dispersas congregações, em torno de alguns sacerdotes também egressos de Roma, já que não encontravam abrigo satisfatório para as suas almas nas missões das confissões protestantes estrangeiras.

Chegado o momento de se unirem, essas dispersas congregações formaram a Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, em 1880.

Os nossos maiores do século passado não desejaram iniciar em Portugal uma igreja nova. Demonstram-no bem as peremptórias declarações de então e, principalmente, o título que escolheram para a sua comunidade. No Prefácio do Livro de Oração Comum de 1882, escreveram: **Não pretendemos fundar uma nova religião: queremos tão somente expurgar a Religião Cristã das corrupções seculares, reivindicar as liberdades da Primitiva Igreja Lu-**

SÍNODO

APOSTÓLICA EVANGÉLICA

SENHORES ARCEBISPOS E BISPOS
A COMUNHÃO VELHO-CATÓLICA

dia de Todos-os-Santos de 1961, Igrejas irmãs católicas (não ro-
s Bispos dessas mesmas Igrejas,
ização da nossa Igreja, cujo teor
pitulos. a seguir transcrevemos.

sitana — por tanto tempo sujeita ao jugo estrangeiro de Roma — e difundir por todo este País uma doutrina QUE SEJA CATÓLICA E APOSTÓLICA NUMA IGREJA PORTUGUESA E NÃO ROMANA». E, quanto a título, a Igreja foi apelidada de Lusitana Católica Evangélica. A palavra **LUSITANA**, referente a Lusitânia — província romana situada no território que, em parte, veio a constituir o reino de Portugal — foi escolhida para significar que a nova comunidade pretendia restaurar o Cristianismo antigo, perseverando em professar a fé da Igreja Primitiva; a palavra **CATÓLICA** afastava a ideia de que a comunidade pertencesse ao mundo especificamente protestante; a palavra **APOSTÓLICA** queria acentuar a fidelidade à sucessão apostólica; e a palavra **EVANGÉLICA**, o espírito de iniciativa na proclamação de Jesus Cristo como Salvador pessoal, por contraste com o ritualismo suposto morto e a devoção mariana da religião dominante.

Em resumo: na sua origem histórica, a Igreja Lusitana é um produto da reacção portuguesa ao ultramontanismo do século XIX e às proclamações marianas dessa época; não pode ser dissociada, até pelos seus antecedentes nacionais, do velho-catolicismo europeu, com o qual, nos seus primeiros anos, esteve relacionada. A influência anglicana sofrida pela Igreja não destruiu aquela sua natureza original, embora lhe tivesse emprestado características que hoje, visivelmente, a distinguem das igrejas da União de Utreque.

A DOCTRINA, A LITURGIA E A DISCIPLINA NA IGREJA LUSITANA

E é errado supor (como pode ser o caso de quem nos observe sem um mínimo de atenção) que a Igreja Lusitana tenha resolvido a referida impossibilidade de comportar diferentes escolas de pensamento, pela adopção de uma só, de entre as já existentes no anglicanismo. Isso não corresponde às realidades de facto, nem à intenção dos nossos maiores. Pelas suas mesmas declarações, já vimos que pretenderam «difundir por todo este país uma DOCTRINA CATÓLICA E APOSTÓLICA numa IGREJA PORTUGUESA E NÃO ROMANA». (Prefácio do Livro de Oração). Estavam resolvidos a crer e a professar, exclusivamente, o que nos tempos antigos a Igreja Universal ensinou e, nessa fé, a comunidade que criaram tem permanecido firme e segura.

Podemos proclamar solenemente que, fiéis à lição dos Padres da Igreja Lusitana, perseveramos em professar a fé da Igreja Primitiva, formulada nos Símbolos Católicos, e nas decisões universalmente aceites dos Concílios Ecu-
mênicos: desejamos manter, à luz do ensino das Sagradas Escrituras, o que, na Igreja Universal, em toda a parte e sempre e para todos, se acreditou ser Regra de Fé: consequentemente, repudiaremos aceitar, em matéria de doutrina, o que não seja «**vere proprieque catholicum**».

As primeiras congregações egressas de Roma utilizaram uma versão portuguesa do Livro de Oração Comum Inglês. Este facto deixou marcas indeléveis. Mas, em 1882, os nossos maiores aprovaram uma liturgia própria. Ao contrário dos velho-católicos da Europa Central, não se limitaram a fazer

(Continua na página 7)

Antologia Devocional

A RESSURREIÇÃO
DO SENHOR

S. Bernardo de Claraval

«Venceu o Leão da Tribo de Judá! A Sabedoria venceu a malícia! Que foi feito, ó judeu, dos teus improperios? Ainda havia pouco gritavas: «Se é o Rei de Israel, que desça da cruz!» E tu, Demónio, que O tentaste: «Lança-te daqui abaixo» e também, «Tudo isto te darei se prostrado me adorares», que dizes agora? «O Senhor reinou desde o madeiro»!

Gritaram-Lhe os judeus, «Desça da cruz, se é o Rei de Israel». Mas é exactamente por isso que Ele não descerá. Acaso Cristo não acabaria o que começara? Começara a nossa salvação havia de a acabar. Mas dizem todavia: «Salvou os outros e não pode salvar-se a si mesmo.» Pois antes pelo contrário, se descesse da cruz não salvaria ninguém. Pois se não pode ser salvo o que não perseverar até ao fim, quanto menos poderia ser Salvador.

Venceu pois o Leão da tribo de Judá! Foi morto como Cordeiro e ressuscitou como Leão.

Havia João, que escreveu o Apocalipse, ouvido falar dum livro; mas viu um «cordeiro» (Apoc. 5: 5) «Vi», disse João, «...um livro fechado com sete selos e não havia quem o abrisse e eu chorava muito».

«Digno é... o Cordeiro que foi morto de receber fortaleza... (Apoc. 5.) Não diz perder a mansidão mas sim receber fortaleza, continuando a ser «cordeiro» passa também a ser «leão».

O livro era o mesmo Cristo e os sete selos tudo o que ocultou a sua divindade dentro da sua humanidade. Os últimos «selos» foram a cruz e a sepultura... Não chores João! ...Digno é o Cordeiro que foi morto e ressuscitou de abrir o livro.

E vós judeus que O convidastes a descer da cruz, quisestes romper o selo da cruz prometendo que entraríeis na fé («desça da cruz e creremos nele»). Vede que se abriu já o selo da sepultura. Entrai nela, visto que tanto vos escandaliza a cruz, e que vos levante a ressurreição.

(Obras de S. Bernardo
TOMO I, B. A. C. Madrid)

Música Sacra Popular

Rev. A. Pinto Ribeiro

A História repete-se.

Quando St.º Ambrósio lançou a sua música sacra, que depois se transformou no que hoje chamamos canto gregoriano, ele foi buscar os seus temas à música popular. Contudo, esse canto é tido agora como tudo quanto há de mais religioso e sacro.

No século XVI Lutero baseou os seus corais em melodias populares e o mesmo fizeram os seus colaboradores e sucessores musicais, incluindo esse génio excepcional que se chamou João Sebastião Bach. Este incluiu melodias populares nas suas grandes composições sacras. Hoje os corais de Lutero, Hassler, Palestrina, Bach e outros são música sacratíssima.

Durante o reavivamento metodista do século XVIII, os Wesleys fizeram largo uso de melodias populares para os hinos que ajudaram a evangelizar os povos de língua inglesa. O mesmo fizeram Moody e Sankey um século depois, com excelentes resultados. Essas melodias populares já adquiriram, há longo tempo, foros de música religiosa.

Há neste presente século uma espécie de música — ou melhor, uma espécie de ritmo — que, a despeito do que parece ter de informal e irreverente, tem conquistado o povo e fornecido ritmos para muitas canções modernas. É o chamado «jazz». Poderá tal música, ou tal ritmo, fornecer temas para música religiosa? A resposta a esta pergunta já foi dada por um Presbítero da Igreja de Inglaterra, o Rev. Geoffrey Beaumont. Argumenta ele que a música popular contemporânea tem direito a ser legitimamente chamada Música do Povo. Nessa harmonia o Rev. Beaumont compôs uma «Missa Popular do Século Vinte» («Twentieth Century Folk Mass»), que é um conjunto de trechos musicais para os passos cantáveis do Serviço Litúrgico da Comunhão.

O Rev. Beaumont e os outros ministros e leigos que pertencem ao Grupo de Música Ligeira da Igreja Inglesa querem apenas isto: prover nova música para hinos e cânticos antigos e modernos de tal sorte que o povo comum

possa cantar os louvores de Deus com mais espontaneidade e alegria.

No Domingo (20.º depois da Trindade), dia 15 deste corrente mês de Outubro, a liturgia do serviço vespertino da Igreja de S. Columba, cujo ministro é o bem conhecido pregador e jornalista inglês, Rev. Shaun Herron, consistiu na execução dos passos principais da «Missa Popular do Século Vinte» do Rev. Geoffrey Beaumont. Os executantes foram o coro da própria igreja, um outro grupo coral e uma pequena banda-orquestra: órgão, contra-basso, trombetas, clarinetes e o característico tambor com os seus «címbalos sonoros». A Igreja Unida de S. Columba fica aqui mesmo ao pé de nossa casa; por isso fomos assistir ao serviço vespertino. Julgo que iríamos, mesmo que ficasse longe. Tínhamos grande curiosidade.

Como não gostei nunca de música de «jazz», fui assistir a este serviço com uma certa prevenção. Estava-me, porém, reservada uma surpresa: a música, embora no ritmo do tão popular «jazz», era melodiosa, sacra e elevadora do espírito. Antes da própria «Missa» cantámos dois hinos de letra bem conhecida e o Salmo 150 com músicas do Rev. Beaumont, guiados pelo coro e orquestra. A música é tão natural e pega-se tão bem ao ouvido que a gente cantava sem esforço. Enfim, não sabia realmente, quanto a mim, a música de «jazz», mas sim a música marcadamente sacra em ritmo moderno e «idioma» popular. Cantada pelo povo com o acompanhamento do coro e instrumentos, é esta talvez uma das melhores músicas religiosas para dar cumprimento às injunções dos Salmos 100 e 150:

Fazei um som alegre ao Senhor,

Vós todos moradores da Terra...

Louvai ao Senhor.

Louvai a Deus no Seu santuário:

Louvai-O no firmamento do Seu poder...

Louvai-O com o som de trombeta;

Louvai-O com o saltério e a harpa.

Louvai-O com o adufe e a flauta;

Louvai-O com instrumentos de cordas e com órgãos.

Louvai-O com címbalos sonoros;

Louvai-O com tambores altissonantes.

Tudo quanto tem fôlego,

Louve ao Senhor.

Aleluia!

Como vedes, apesar da prevenção com que fui para a igreja, gostei realmente desta música popular hodierna posta ao serviço de temas religiosos. Se, porém, me perguntardes se gosto mais desta do que da música sacra clássica, responderei com as palavras do Mestre registadas em S. Lucas 5: 39: «Ninguém que tenha bebido o vinho velho quer o novo, porque diz: O velho é que é bom». Para nós, que já temos o «paladar» habituado à música sacra clássica, esta música moderna, embora boa, é um tanto áspera, tal como o vinho novo. Mas, daqui por 50 anos, já será «vinho velho», bem curado e macio. Não apreciamos nós agora, com pia reverência, as melodias e ritmos de dança folclóricos que Bach introduziu nas suas obras? Julgo que também deve ser verdade que para quem ainda não aprendeu a saborear o «vinho velho», isto é, para a gente moça e para o povo sem cultura musical religiosa, esta música religiosa moderna é mais acessível e mais susceptível de interpretar os seus impulsos religiosos de louvor, júbilo, contrição e súplica.

O presbítero anglicano Beaumont tem já um émulo no campo católico romano. Trata-se do compositor australiano Malcolm Williamson. Este compôs também uma «Missa do Povo», e esta, segundo um jornal de Toronto, foi ensaiada durante mais de um mês em Londres, para ali ser cantada numa igreja da comunhão romana. O cardeal-arcebispo de Westminster porém, proibiu a audição numa Igreja. O Sr. Williamson ficou muito desapontado, dizendo que a sua música não é baseada no «jazz», mas sim no idioma da música folclórica moderna. É, portanto, música do tipo da do Rev. Beaumont.

A História repete-se.

Toronto, Canadá, 26/X/1961.

A. Pinto Ribeiro

CARTA DO SÍNODO

da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica

(Continuação da página 5)

uma simples tradução para o vernáculo dos Ritos da Igreja Romana. Actuaram num ambiente de reacção, e tiveram o confessado propósito de, pela publicação do Livro de Oração Comum, atrair outros grupos de cristãos dissidentes a ingressar na Igreja Lusitana, apelo que em boa medida resultou. Muito embora estas circunstâncias pudessem constituir causas de desequilíbrio heterodoxo, não foram capazes de o provocar. Isto revela bem a sólida estrutura católica de que eram portadores os Padres da Igreja Lusitana. Os compiladores do Livro de Oração Comum Português, segundo as suas próprias palavras, «**forcejaram por acomodar a sua obra aos costumes da Igreja Apostólica Primitiva**», e sentiram-se no dever de considerar o Missal Bracarense fonte nacional para essa obra. Ora, se, em termos práticos, tal atitude pouco significou, no plano das intenções, traduzia um propósito de lógica coerência entre a **Lex Orandi** e a **Lex Credendi** da comunidade.

No que respeita à disciplina interna da Igreja Lusitana, parece-nos bastante informar que a Igreja se organiza como uma diocese. Os órgãos gerais de governo são o Bispo, o Sínodo e a Comissão Permanente do Sínodo. O Sínodo é presidido pelo Bispo e composto por todos os presbíteros e representantes seculares das paróquias. Para que uma decisão sinodal seja tomada, importa a concorrência dos votos da Casa dos Seculares e da Casa dos Clérigos e que o Bispo a aprove. O Bispo dedica-se à direcção espiritual da Igreja; a administração é exercida pela Comissão Permanente, composta de três clérigos e três leigos sob a presidência do Bispo. O Bispo é assistido por três secretários, respectivamente, para assuntos internos, assuntos exteriores e finanças. À frente de cada Paróquia há um presbítero, nomeado e transferível pelo Bispo.

Até esta data, tem havido um Conselho Provisório de Bispos, formado por Bispos da Igreja de

Irlanda. Por acordo estabelecido, no século passado, entre a Igreja de Irlanda e a Igreja Lusitana, esta «**Sede Vacante**», tem beneficiado de serviços episcopais prestados por Bispos irlandeses, sob o compromisso de não alterar as suas regras fundamentais de Disciplina e Liturgia, senão com aprovação desse Conselho. Orgulhamo-nos de afirmar que tal compromisso nunca teve de ser invocado pelos Bispos Irlandeses, tão impecável se mostrou sempre a actuação da Igreja.

A POSIÇÃO DA IGREJA LUSITANA EM RELAÇÃO AO ESTADO PORTUGUÊS E OUTRAS IGREJAS

E' uso desejar saber-se qual o grau de liberdade política da Igreja Lusitana. Podemos dizer que, os Cristãos dissidentes de Roma possuem liberdade para ter os seus templos abertos ao culto, dar educação religiosa a seus filhos, isentando-os da educação religiosa oficial; apresentarem-se os seus ministros em público com o traje tradicional de clérigos; expor em livrarias próprias livros da sua religião; possuir e fazer circular, a sua imprensa, livremente, sem intervenção da censura oficial.

A **Comunhão Anglicana** tem sido uma fonte de inspiração e de cultura para as sucessivas gerações da Igreja Lusitana. E também tem sido o principal apoio no plano ministerial. Mas não existe qualquer vinculação de ordem jurisdicional entre esta Igreja e qualquer das Províncias ou Igrejas que compõem essa Comunhão. Como já acentuámos, houve sempre o maior cuidado, de parte a parte, em deixar claro que qualquer actuação de um Bispo Anglicano no âmbito da Igreja Lusitana, não provinha da sua jurisdição episcopal, mas era uma prestação individual de serviço, ditada pela caridade Cristã e solicitada, em estado de necessidade, pela autoridade livre da Igreja Lusitana.

Circunstâncias históricas não

facilitaram, até agora, o estreitamento de relações entre a Igreja Lusitana e a **Comunhão Velho-Católica**. Todavia, uma mais amadurecida consciencialização de princípios e o imperativo do espírito ecuménico levam-nos a formular o desejo de estabelecer com esta Comunhão todas as relações que logicamente possam resultar da identidade de origem e da comunhão de Fé que temos com ela. Em particular, desejaríamos estabelecer com a Sé de Utreque concordata de plena comunhão, com todas as consequências práticas que essa Concordata comporte. Em nosso juízo, o acordo de Bona forneceria os termos precisos de tal concordata.

Parece-nos oportuno informar também Vossas Paternidades acerca das relações com as **Comunidades Protestantes Portuguesas** e com a **Igreja Católica Romana** em Portugal.

Com estas, temos mantido e desejamos continuar a manter, no melhor espírito ecuménico, que desde sempre nos animou, as relações de estreita amizade, respeito e cooperação, que, salvaguardados os princípios, a nossa íntima convivência ao serviço de um Senhor comum, naturalmente dita.

Acerca da Igreja Católica Romana, cuja orientação em relação com outras comunidades cristãs é bem conhecida, diremos que o nosso apostolado não tem, por tradição, o carácter negativo de anti-romano, e tem sido exercido na ânsia de ganhar almas para Cristo, sem perturbar consciências já cristãs ou ofender legítimas sensibilidades. Isto, porém, não significa que a Igreja Lusitana haja abandonado aquele «**protesto**» que no século passado lhe deu origem, e ainda hoje justifica a sua existência.

Finalmente, desejamos exprimir a nossa gratidão pelo auxílio espiritual e material recebido de Vossos Antecessores, e também pela crescente simpatia com que nos ajudais a manter viva, apesar de condições difíceis, esta nossa herança comum de Fé, Ordem e Mensagem da Santa Igreja Católica de Jesus Cristo Nosso Senhor. A Ele seja dada toda a glória.

Deus guarde Vossas Paternidades.

no PRINCÍPIO ERA o VERBO

PELA IGREJA

(Continuação da pág. 10)

(Continuação da página 3)

o seu *floruit* cerca do ano 510 antes de Cristo e cerca de um século antes de Platão, chegara a classificar o *logos* de «lei divina». O próprio termo «teologia», criado por Platão e largamente divulgado pelo seu famoso discípulo Aristóteles, define-se como o «conhecimento de Deus (grego *Theos*) através do *logos*».

Partindo deste conceito do *logos*, era fácil ao autor do Evangelho Suplementar espiritualizá-lo um pouco mais, não deixando, contudo, de o utilizar (e que bem o utilizou!), pois a sua intenção era combater com os seus escritos as doutrinas gnósticas, que negavam a preexistência e a encarnação de Cristo. Mas nós, que recebemos o termo por meio da Vulgata e o aportuguezámos — da Vulgata o receberam também ideologicamente os tradutores da Bíblia em inglês, francês, alemão, espanhol, etc. — estando a tão grande distância da extinta Cultura helénica, perdemos parte do conceito que S. João encontrou no semantema. Por esta razão alguns actuais tradutores da Bíblia em inglês, pelo menos, resolveram não traduzir mas transliterar a palavra *Logos*, referente a Cristo, que assim traz consigo o significado integral da língua que o deu, tal como tradicionalmente se conservaram ou adaptaram das línguas originais ou afins em que foram escritos os livros da Bíblia, *Messias, Cristo, Aleluia, Amen, Hades*, etc.

Dois factos importantes teriam influido em S. João na escolha do famoso *Logos*:

- 1) A influência que o Apóstolo teria recebido da Filosofia alexandrina, durante a sua permanência em Éfeso, principalmente de Philo (fl. 40-45 A. D.), que identifica *Logos* com *Sophia Theou* (Sabedoria de Deus);
- 2) A sua ascendência judaica e a natural afinidade para o simbolismo e para a espiritualização de termos, que serviram ao Discípulo Amado como base para o valor conceptual que arbitrou ao *Logos*.

E, por último, a forma «era» do verbo *ser*. Em grego só havia um verbo para *ser* e *estar*, tal como acontece em latim, inglês, francês e alemão. Porém, todas estas línguas têm, a par do imperfeito, o pretérito perfeito. Mas S. João usou a forma *era*, não usou «foi», porque *era* define um momento com anterioridade e posterioridade; *foi* traduz uma acção realizada e acabada, que não chega ao futuro. O *Logos* «era» no princípio, «era» antes do princípio e continuará a ser.

Se a língua grega só tinha uma forma para *era* e *estava*, podemos *a priori* traduzir a forma *en* de S. João por *estava*; e de facto «Ele *estava* no princípio com Deus», como mais adiante se traduz nas nossas Bíblias. Ele *estava* como Homem no plano de Deus — «o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo», como diz depois o mesmo escritor sagrado no seu Apocalipse. Portanto, Cristo *estava* no princípio como o *Filho do Homem*, o *Agnus Dei*, e *era* no princípio como *Deus*, como o *Unigénito* do Pai.

No princípio *era* o Verbo, porque *ser* é divino, *estar* é humano. Deus *é*, nós *estamos*. *Ser* é existir com existência própria, *estar* é viver no anseio de uma existência. O Verbo se fez carne e veio *estar* entre nós, para que nós *sejamos* com Ele um dia. *Estar* é viver limitado pelo Tempo, *ser* é existir integrado na Eternidade. Por isso Jeová, quando interrogado por Moisés, mandou que dissesse que EU SOU o tinha enviado; e o Senhor Jesus, quando os judeus diziam presumidamente serem filhos de Abraão, replicou-lhes: «Antes que Abraão existisse, EU SOU». Era o Verbo eterno que falava como *Presente* divino ao *presente* humano; é o ministério do Verbo incarnado, que veio habitar entre nós.

João Soares de Carvalho

Se Cristo não Ressuscitou
vã é a nossa fé...
I Coríntios 15,14.

ral, Roberto Moreton. Estavam presentes bastantes pessoas que tinham conhecido a obra extraordinária daquele saudoso pioneiro do evangelismo em Portugal e que foi na A. C. M. um infatigável obreiro.

Falaram o Sr. Ernesto de Sousa, um dos antigos chefes do Grupo 1, e o Rev. Cônego Eduardo Moreira, antigo Comissário do Escutismo do Norte de Portugal. Ambos enalteceram as altas qualidades de Roberto Moreton, não esquecendo sua Esposa D. Laura Moreton, também ali sepultada, e que na União Cristã Feminina foi exemplo de fé e tenacidade. Vidas que não morreram, pois estão sempre presentes os seus actos e as marcas do Amor cristão que as distinguem.

Estava presente, representando a família, a sua filha, D. Violeta Moreton Hall. No fim foi deposto um lindo ramo de flores por um grupo de escuteiros.

Roberto Moreton faleceu há 25 anos, com 61 anos de idade. Era igualmente o representante, da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira em Lisboa.

D. Ana Fiandor

Temos a satisfação de informar que esta nossa Irmã, Esposa do Revmo. Bispo D. António F. Fiandor, tem sentido melhoras. O Despertar junta as suas orações às daqueles que mais de perto anseiam vê-la aliviada da sua doença, de seus sofrimentos.

Rev. A. Pinto Ribeiro

Acompanhado de Sua Exma. Esposa, partiu para Angola, no dia 17 do corrente, o nosso dedicado Amigo, Rev. Pinto Ribeiro, a fim de continuar a sua vida de Missionário e de Professor no Seminário «Emmanuel». Que Deus continue a abençoar o labor do Seu servo naquela nossa Província Ultramarina.

Paróq. de Cristo Remidor — Alcácer do Sal

Continua a subscrição em auxílio da construção do templo desta paróquia, edifício que está na fase terminal. Porém ainda não temos o dinheiro suficiente, motivo por que esperamos que os nossos Amigos nos não deixarem de ajudar. Faltam-nos ainda 130 contos. Os donativos podem ser enviados, como de costume, ao Rev.º Bispo D. António F. Fiandor, Torneiro-V. N. de Gaia ou à Redacção deste Boletim.

Transporte	207.155\$10
London College of Divinity	2.530\$00
£ 31. 12' 6"	10\$00
António J. Correia Duarte	433\$10
Paróquia de S. Mateus	210.128\$20

Paróquia de S. Mateus de Vila F. de Xira

Nesta Paróquia foram levantadas ofertas, que se destinam à ajuda da Construção do Templo de Alcácer do Sal, no valor de Esc. 433\$10, assim distribuídas:

Igreja de S. Mateus (V. F. Xira)	171\$70
Missão de S. Tomé (Cast. do Ribt.)	161\$40
Missão de S. Marcos (Salv. de Mag.)	100\$00

Apraz-nos também registar aqui a oferta especial de um móvel, que se destina ao interior do novo Templo de Alcácer, no valor aproximado de **quinhentos e seiscentos escudos**, oferta do Sr. Leonardo Cardoso, membro da missão de S. Marcos.

Sermões de 5 minutos

Rev. AGOSTINHO ARBIOL

DUVIDAR PARA CRER

(Continuação da página 4)

A Paz de Deus seja convosco:

No número 34 de *O Despertar* prometia no meu sermão de 5 minutos tratar, posteriormente, da ressurreição sob o ponto de vista doutrinário. Decorrido um ano, quando a Igreja Cristã evoca a morte de nosso Senhor Jesus Cristo, ocorrida no momento em que no templo era imolado o cordeiro pascal, e celebrada a Sua ressurreição verificada ainda durante o período da cerimónia judaica, proponho me cumprir a minha promessa.

S. Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, supõe que a maior parte dos crentes, ou a todos, deveria interessar saber como se opera o fenómeno da ressurreição. E não se enganou. Segundo se depreende do seu ensino, «ressurreição» significa «transformação» porque a vida do ser humano, depois de despojada da carne, não é interrompida. A morte, no sentido de «terminus» não existe. Acaba uma fase da vida humana e começa outra sob outro aspecto e forma. Em todos os túmulos se lê a inscrição: *Aqui jaz!* No de nosso Senhor Jesus Cristo, pelo contrário, o anjo diz às mulheres que lá vão para o encher de flores e derramar bálsamo: «Ele não está aqui». Ora, amados, se Jesus lá não estava, era porque estava noutro lugar. Logo, venceu a morte, podendo-se, portanto, dizer que a Sua morte foi «a morte da morte» o que equivale a dizer que a morte não existe, uma vez que a pessoa que morre, continua a viver. Sendo assim, também não está no túmulo. O epitáfio «Aqui jaz» só prevalece em relação ao invólucro e não ao conteúdo.

Todo o capítulo 15 da 1.ª Epístola aos Coríntios ensina a transcendente verdade da sobrevivência do espírito. «E, quando sementes, não sementes o corpo que há-de nascer, mas o simples grão, como de trigo, ou de outra qualquer semente. Mas Deus dá-lhe o corpo como quer, e a cada semente o seu próprio corpo, vers. 37 e 38. A eloquente comparação de S. Paulo derruba toda a dúvida da sobrevivência do espírito, em melhores condições, depois de libertado do jugo da carne, do que enquanto estava

preso a ela. *Dir-se-ia que assim como desaparece das vistas humanas o grão de trigo, ou de qualquer outra semente, quando é lançado à terra, para aparecer depois diferente na forma e na beleza; assim também desaparece o ser humano, quando é encomendado à terra, para aparecer noutro lugar com um corpo espiritual e, portanto, desprovido da carne e do sangue, porque como diz o Apóstolo: «A carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção». (v. 50). E ainda: «semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória; semeia-se em fraqueza, ressuscitará em vigor (vers. 42 e 43). Também nos Evangelhos há passagens que nos mostram que a forma do nosso corpo, após a morte, toma um aspecto espiritual e celeste, quicã resplandecente algo semelhante ao de Moisés e Elias quando apareceram a Jesus no monte (S. Marcos 9, 4), e que na eternidade os crentes não serão sujeitos às condições humanas e sociais, mas serão como os anjos que estão nos Céus (S. Marcos 12, 25).*

Temos, pois, de considerar a ressurreição como uma transformação. Não sou eu que o digo. É o próprio Apóstolo por estas palavras: «Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados» (v. 51) «Porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão, incorruptíveis e nós seremos transformados» (v. 52).

A expressão «nem todos dormiremos» parece dar a entender que o Apóstolo nos revela que ainda estarão muitos crentes vivos neste Mundo quando o Senhor vier em majestade e glória, ao som da última trombeta, na era escatológica.

Mensagem da Páscoa

(Continuação da primeira página)

OMNISCIENTE, porque Cristo nos busca onde nós estamos e sabe o que cada um de nós é e vale.

OMNIPRESENTE, porque não nos deixou órfãos, nunca nos abandona, antes está sempre ao nosso lado quando Lhe suplicamos com fé.

«Dúvida Metódica». Consiste esta em se usar a dúvida como um método, como um instrumento, com um meio para alcançar um fim: a busca da certeza e da verdade. Não era S. Tomé do tipo daqueles que aceitam tudo de olhos fechados: quando não compreende, pergunta (João 14, 5); se duvida, apresentem-lhe provas, e crerá. Sabemos que a dúvida de S. Tomé teve um fundo de incredulidade. Nosso Senhor mesmo lhe disse: «Não sejas incrédulo, mas crente». O que se pretende assinalar aqui, no entanto, é o facto dele ter usado a sua dúvida construtivamente.

Muitos pais mostram-se surpreendidos e algo preocupados quando os seus filhos, em franco progresso intelectual, expressam suas dúvidas religiosas, crise por que, afinal, todos mais ou menos passamos. Quando vejo alguém a braços com esse problema, sempre me lembro do que certa vez ouvi em classe ao Professor de filosofia: «Quando um jovem atinge os dezoito anos e não tem qualquer espécie de dúvida, é sinal evidente de que não tem nada na cabeça»... Que nenhum pai ou educador se alarme, pois, quando vir, em determinada altura, o seu filho ou educando apresentar as suas dúvidas. Não se pense que isso é sintoma de «falta de fé» ou que a pessoa em questão está em risco de a perder. Da «Dúvida Metódica» à descrença vai uma grande distância. Deixemos que os nossos filhos ou educandos usem das categorias com que Deus os dotou, distinguindo-os dos brutos. Sejamos suficientemente inteligentes e compreensivos para com os problemas da gente nova, ajudando-a, tanto quando nos seja possível, naquilo que esteja ao nosso alcance ou, recomendando-a, conforme os casos, a algum especialista na matéria. E depois disso, nade de receios: o que não pudermos fazer, fá-lo-á Deus.

Saul de Sousa

ETERNO, porque a Sua misericórdia é para sempre:

«*Eu estou convosco todos os dias até à consumação do mundo.*»

E' nesta abençoada e consoladora crença, que todos nós devemos buscar na Igreja e na Santa Comunhão, vida espiritual, poder, graça e amparo, pois sabemos pela fé que importava que Jesus ressuscitasse. Cremos num Cristo Vivo e Eterno, mediador único e suficiente entre Deus e os homens.

Cristo morreu para nos dar Vida e ressuscitou para nos esperar no Céu.

† António Fiandor

PELA IGREJA

Notícias do Estrangeiro

Roma

O Dr. Craig, Moderador da Igreja da Escócia (Presbiteriana) fez ultimamente uma visita de cortesia ao Papa João XXIII. É a quarta, e talvez a mais surpreendente, das visitas que nestes últimos dois anos os dirigentes protestantes têm feito ao Chefe da Igreja Romana. As outras três foram: a 1.ª, a do Dr. Fisher, Arcebispo da Cantuária; a 2.ª, a do Bispo Presidente da Igreja dos Estados Unidos, Dr. Arthur Lichtenberger; e a 3.ª, a do Presidente da Convenção Nacional Baptista, Dr. J. H. Jackson.

Londres

O Conselho Evangélico da Igreja Anglicana, a propósito da intercomunhão que deve existir entre as diferentes Igrejas Cristãs que seguem a tradição católica do Episcopado Histórico e as que não a aceitam, declarou: Que a intercomunhão, como foi praticada durante séculos pela Igreja Anglicana, deve continuar a existir, não como um fim a atingir, mas como um meio de testemunhar ao Mundo a unidade indubitável entre os que, pela sua Fé em Cristo como seu Salvador e Mestre, são UM n'Ele e com Ele.

Estados Unidos

A convenção Baptista Nacional dos Estados Unidos, louvou o Papa João XXIII pelos seus esforços em vistas à unidade Cristã, e classificou o próximo Concílio Ecuménico do Vaticano como um programa de grande valor espiritual. Esta resolução foi adoptada pelos 3.000 delegados, após o relatório que o seu presidente, Dr. J. H. Jackson fez sobre a sua recente visita, em Dezembro último, ao Vaticano.

Geneve

Acaba de ser concedido ao incansável Secretário do Conselho Mundial de Igrejas, Dr. Visser't Hooft, um prémio da paz para 1961, prémio instituído pela Fundação Carnegie e destinada a compensar todos aqueles que têm contribuído duma maneira especial para a causa da paz.

Lausenne

O Sínodo da Igreja do cantão de Vaud, (Presbiteriana) acaba de aprovar uma nova liturgia. Esta foi refundida entre as mais antigas liturgias católicas e as das Igrejas reformadas e luteranas. Segundo opinião autorizada, esta liturgia reflecte todas as correntes do Mundo moderno e a grande corrente ecuménica de hoje, marcando assim, na celebração do culto a Deus, a sua ligação à Igreja Universal, no tempo e no espaço.

Moscovo

O Governo Soviético acaba de proibir a fabricação do «kulich», o tradicional bolo da páscoa do povo ortodoxo russo, como também o «matzoh», o pão asmo tradicional da páscoa dos judeus. Não se sabe bem a razão desta proibição. Pensa-se que tem base na doutrinal luta organizada contra a religião, pretextando o desvio duma matéria prima da alimentação, para assuntos puramente religiosos...

Notícias do Brasil

Homenagem ao Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral

O Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral, ilustre, culto e consagrado presbítero da Igreja Lusitana, que se encontra no Brasil, foi alvo de significativa homenagem na residência do Revmo. D. Edmund K. Sherrill, Bispo da Diocese do Brasil Central da Igreja Episcopal Brasileira, pelos seus colegas residentes nos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro.

A referida homenagem constou de uma lauta mesa de frios e refrigerantes. O digníssimo visitante palestrou, longamente, com o Diocesano e com os seus colegas brasileiros, discorrendo sobre o trabalho da Igreja Lusitana, reforçando assim mais os laços que nos unem ao episcopado em Portugal. Da Cidade do Rio de Janeiro, o Rev. Pina Cabral voou para S. Paulo e Brasília. A convite do Revmo. Bispo Sherrill viajou para Porto Alegre, onde deverá visitar o Seminário Episcopal e o Colégio Cruzeiro do Sul. Irá, também, atendendo ao convite feito, à Cidade de Santa Maria, no R. G. S., participar da Reunião do Sínodo da Igreja Episcopal Brasileira, onde estarão presentes representantes da Igreja Mãe dos Estados Unidos, bem como três Bispos do Brasil.

O Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral soube, pela sua modéstia, cultura e alto espírito cristão, grangear a máxima simpatia dos episcopalianos no Brasil. Permita Deus que outros clérigos da Igreja Lusitana possam visitar a Pátria Brasileira, a fim de manter contacto com a Igreja daqui.

Cidade de Meninos S. Paulo Apóstolo

A Cidade de Meninos S. Paulo Apóstolo, instituição de amparo ao menor abandonado, já se encontra, instalada em sua nova sede, no lugar denominado Araras, no 2.º Distrito de Petrópolis. A dita entidade tem como Provedor o Rev. Dr. Octacílio M. Costa, correspondente do «Despertar» no Brasil. Na nova sede, acaba de ser inaugurada uma Escola primária, que atende aos abrigados em número de quarenta, bem como às crianças pobres da vizinhança, tendo já uma matrícula de 82 alunos.

Na dita instituição, no domingo 8 de Abril do corrente, houve um solene Offício Eucarístico, em que foi celebrante o Rev. Dr. Octacílio M. da Costa, e pregador o Rev. Dr. Curt Kleemann. Compareceram, aproximadamente, 300 pessoas. Dentro em

breve será instalada a Missão de São Miguel e Todos os Anjos, a fim de atender os abrigados e os habitantes daquela comunidade.

Nessa ocasião, foi inaugurado o retrato do Rev. Raymond K. Riebs, que actualmente se encontra nos Estados Unidos, visto ter sido o fundador da Cidade de Meninos S. Paulo Apóstolo.

13.º Concílio da Diocese Sul-Occidental

No 13.º Concílio da Diocese Sul-Occidental da Igreja Episcopal Brasileira, realizado recentemente na Cidade de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul, esteve presente o correspondente do «Despertar» Rev. Octacílio M. da Costa, a quem foi concedido assento e palavra. Foram afluídos e aprovados diversos temas de alta relevância espiritual, assistencial e educacional. O referido concílio foi presidido pelo Revmo. Bispo Plínio Lauer Simões.

Miss Brasil casou na Igreja Episcopal

Na Missão de Todos-os-Santos, em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, o missionário episcopal Rev. John Ellsworth solenizou o casamento da Senhorinha Gina Mac Pherson, Miss Brasil-1960, com o Oficial da Marinha Brasileira — Tenente Ademar Garcia Paiva Filho.

Notícias de Portugal

Bispo-Eleito Dr. Luis César Rodrigues Pereira

O Bispo-eleito da Igreja Lusitana esteve, imediatamente, após ter deixado de exercer a clínica, e de acordo com uma resolução da última Comissão Permanente, em Inglaterra durante duas semanas, em retiro espiritual numa Comunidade Anglicana de Oxford, preparando-se para a sua Sagração. Contava, depois do retiro, ter oportunidade de conferenciar com os membros do Comité Auxiliar em Londres e ser recebido pelos Senhores Arcebispos de Cantuária e de Utreque. Informa-se que a sua Sagração terá lugar no dia 24 de Junho (dia de S. João) pelas 11 horas da manhã, na Catedral de S. Paulo, em Lisboa.

Colecta Pastoral nas Paróquias de J. Lusitana

O Secretário dos Assuntos Internos da Igreja Lusitana, por carta dirigida aos secretários das diversas paróquias, sugeriu-lhes a adopção da colecta pastoral das paróquias, à semelhança do que se faz já em algumas paróquias do Norte e do estrangeiro, dedicada aos seus respectivos ministros.

Romagem de saude

Em oito de Abril, e fazendo parte das comemorações do quinquagésimo aniversário do 1.º grupo dos escuteiros de Portugal, anexo a A. C. M. de Lisboa, efectuou-se uma romagem de saude, no cemitério dos ingleses em Lisboa, à campa do grande amigo do escutismo e da mocidade em ge-